

Breve noticia sobre o santuário campestre romano de Miróbriga dos Celticos (Portugal)

Fernando DE ALMEIDA †

O Prof. D. António Garcia y Bellido demonstrou, sempre, um interesse muito particular pela arqueologia romana em território português. E uma vez, tendo-o convidado para visitarmos o Algarve, aceitou logo mas com uma condição: a visita deveria ser feita percorrendo a província a pé, tal era o seu interesse pelos monumentos da região! (Fig. 1).

Há cerca de dez anos quisemos mostrar-lhe, e ao Prof. e amigo também, Robert Etienne, os resultados das nossas escavações em Miróbriga dos Celticos. Chegados ao local, viram as ruínas do circo, das termas e do chamado, até então, Castelo Velho, implantado na parte alta de uma colina.

Havíamos iniciado os nossos trabalhos, que seguiram os de Cruz e Silva e Maria de Lourdes Costa Artur, pela parte mais alta do pequeno monte, onde até então não tinha entrado a picareta do arqueólogo. A escolha fora determinada depois de termos recebido uma boa fotografia aérea, que havíamos requisitado aos serviços oficiais competentes, e por nela estarem bem patentes vários desenhos de muros e de outras construções¹ (Figs. 2-3).

Quando da visita acima recordada estávamos precisamente a escavar em torno do chamado Castelo Velho. E. D. António, depois de emitir vários juízos sobre o que poderia ter sido a estranha construção rectangular, concluiu: «se escavar neste lugar, deve encontrar degraus, porque as ruínas são de um templo romano». Imediatamente começamos à procura dos degraus. E logo eles surgiram, embora mutilados. Eles vieram assim, sem dúvida, classificar as ruínas como sendo de um santuário campestre romano, com os seus três elementos

¹ F. A., *Ruínas de Miróbriga dos Celticos (Santiago de Cacém)*, ed. da Junta distrital de Setúbal, Setúbal, 1964, Est. II, fig. 19.



FIG 1.—Quando se decidia a classificação das ruínas do «Castelo Velho» e, conseqüentemente, das ruínas do «Santuário campestre de Miróbriga dos Célticos»: García y Bellido dirige, Robert Etienne assistea... e o A. fotografava.

indispensáveis: o templo, as termas e o edifício para divertimento dos devotos peregrinos, que aqui é um circo.

Pelo motivo indicado decidimos contribuir para este volume com a breve nota que se segue, homenageando duplamente o saudoso amigo e mestre.

As ruínas de Miróbriga dos Célticos estão situadas muito perto de Santiago de Cacem, a 139 Km. de Lisboa, pela estrada do Algarve.

No tempo de Roma deveria passar por ali a via que de Salacia, a Urbs Imperatoria, conduziria a Lacobriga (Lagos); em Miróbriga se cruzaria com outra, que vindo da actual Sines, seguiria para Pax Iulia (Beja).

A primeira notícia que conhecemos sobre as ruínas, data do sec. XVI: o humanista Fr. André de Resende a elas se referiu e apelidou como sendo de uma povoação chamada outrora, Merobrica. Baseava-se em Plínio (NH. IV. 116) que a ela se refere como situada entre a antiga Salacia e Lacobriga, portanto, atravessada pela via acima referida.

Merobrica ou Mirobriga são variantes do mesmo topónimo. Em Espanha são conhecidas duas Mirobrigas; uma será hoje Ciudad Rodrigo, a outra é a actual Capilla perto de Reina (Regina). Ora, precisamente, quando iniciámos as escavações nas ruínas em causa apa-



FIG. 2.—Fotografia aérea do conjunto das ruínas de Miróbriga dos Célticos. A) Templos; B) Termas; C) Circo (Fot. fornecida pelo G. A. de Sines).

receu, a cerca de 4 Km. de Santiago de Cacem, com outros materiais romanos, uma inscrição em mármore branco, medidndo 0,37 × 0,44 m. e com o letreiro intacto (Fig. 4):

D. M. S.

C. PORCIVS SEVE

RVS MIROBRIGEN

CELT ANN. LX

H.S.E.S.T.T.L.

D(ii)s M(anibus) S(acrum) / C(aius) Porcius Seve/rus Mirobrigen(sis) / Celt(icus) ann(or)um LX / H(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis).

Ora o mesmo Plínio cita noutro passo (N H. 118) referindo-se aos *populi* da Lusitânia, estipendiários, os «mirobrigenses», chamados também «celticos» (*celtici cognominatur*). E estes são, certamente, os da nossa cidade.

Com esta inscrição, cremos não haver mais dúvidas quanto ao seu antigo nome; mas há mais inscrições, estas recolhidas, precisamente, na área do templo. Infelizmente estão todas fragmentadas, mas vale a pena referi-las (Fig. 5).

[A] VRELIAN [VS]

[P] ONTIF [X]

[M] AXIMV [S]

[CO] NSVL [I II? III?]

[CV?] NTI ORC / / /

/ / / S MIROB / / /

Esta inscrição de Aureliano foi gravada em mármore e mede, o que dela resta, 0,31 × 0,15 m. Tem o grande interesse de nos dar uma data, quasi exacta, baseada não só no nome do imperador, como no seu consulado: mas este será o I, que corresponde ao ano 271 AD, ou o II, talvez o mais provavel e este passou-se no ano 274 AD; ou ainda o III, ou seja 275 AD? Em qualquer caso, a inscrição teria sido gravada entre 271 a 275 AD.

Em outro fragmento de inscrição em pedra e letra semelhantes pode ser levado à conta da grafia da nossa cidade, as linhas onde se lê MIRB, talvez abreviatura de Miróbriga:

CV

ROM

MIRB

Pelos resultados obtidos com as escavações que regularmente temos levado a cabo desde 1959, há já hoje uma notável série de monumentos postos a descoberto e de materiais recolhidos. Vem, em primeiro lugar, a rede viária. Há uma série de vias romanas que vão dar ao templo; uma delas aparece mesmo no limite ocidental da área arqueológica e dirige-se para a colina, até atingir um cruzamento de quatro vias, perto do templo. Daqui segue depois uma para o *forum*, outra para as termas, outra para norte; esta mesma, poucos passos andados, bifurca-se. Do *forum* sai outra para nascente, passa junto de uma série de edificios romanos e bifurca-se também.

A que serve as termas dever-se-ia ter continuado uma outra, de que há parte; passa sobre uma pequena ponte romana e dirige-se para o circo, que está aproximadamente a 500 metros para sul. O tabuleiro da ponte está coberto por uma camada de terra de cerca de



FIG 3.— Fotografia aérea da colina do Templo, tal como surgiu depois das escavações. (Fot. do A.)

0,40 m mantida a um e outro lado, por dois muretes modernos. Escavámos esta terra e verificamos existir, por baixo, portanto integrada no tabuleiro, uma calçada romana.

O razoável estado de conservação das vias está patente na fig. 7.

Naturalmente a zona mais importante das ruínas é o templo. Escavado quasi por completo, consta de uma grande praça, o *forum*, que foi integralmente revestido por grandes placas de calcite cinzenta («mármore» de S. Brissos), de forma quadrada; algumas ainda inúmeros fragmentos. A praça, é limitada ao fundo, isto é, a poente, pelo templo; há duas grandes construções, uma a norte, outra a sul; o lado nascente, portanto o que fica em frente do templo, cai sobre a vertente da colina. O lado do templo (fig. 8) que está implantado no cimo da colina tem sobre o *forum* um muro de alvenaria, com gigantes, para manter um patamar para onde se sobe por duas escadas, uma de cada lado. A esse patamar vêm dar os degraus do templo; deste resta boa parte do *podium*. Dentro do rectângulo que o forma, há grandes blocos informes de opus *coementilium*; deveriam ter pertencido ao piso do templo. Além disso há também ali um troço de parede orientado de maneira a poder-se garantir não ter pertencido nunca à construção romana. É muito rude como construção; as pedras estão ligadas com barro. Supomos ter feito parte da muralha de uma provável fortificação pré-romana, talvez um castro; Ela estaria de acordo com o elemento *briga* do topónimo.

Depois de longa reflexão, durante anos, concluímos que dois fustes de colunas, com as respectivas bases, mas sem capital, bem como uma meia coluna adossada, de mesmo tipo, esta com o respectivo meio capitel e que haviam ter sido encontradas na zona das termas, teriam pertencido ao templo. Depois de estudo minucioso levado a cabo e que pressupunha essa hipótese, o antigo proprietário do terreno (Carlos Periquito) contou-nos ter visto sempre, durante a sua infancia as colunas deitadas no chão, na horta que então existia onde agora vemos o *forum*. Esta confirmação, com a hipótese formulada antes, levaram-nos a pedir a opinião do caro amigo García y Bellido: não só com ela concordou, como nos mandou um apontamento com um desenho representando o magnífico templo do santuário campestre de Munígua (Mulvia), que supomos único em Espanha para estabelecermos um confronto de plantas.

Colocámos então as colunas no lugar onde agora se encontram; levantámos o necessário à parte anterior do *podium*, bem como as paredes laterais da cela, para sugerir a ideia de templo.

Segundo é tradição, uma inscrição dedicada a Esculapio, de há muito embebida na face exterior da parede do antigo hospital, teria sido para ali levada depois de encontrada no «Castelo Velho», por-



FIG. 4.—*Inscrição do Mirobrigensis Celticus. (Fot. do A.)*

tanto, de templo. É de pedra calcarea e mede, o que está à vista, $0,52 \times 0,49$ m. O letreiro é o seguinte:

AESCVLAPIO
DEO
C. ATTIVS IVNVARIVS
MEDICUS PACENSIS
TESTAMENTO LEGAVIT
OB MERITA SPLENDI
DISSIMI ORDINIS
FI /// VINQVATRI
M PRAESTITERIT
/// BIVS ISAS HERES
FAC. CVR

Aesculapio / Deo / C. Attius Januarius / Medicus Pacensis / testa-
mento legavit / ob merita splendi / dissimi Ordinis / [q] uod ei
Quinquatri / um praestiterit / [F] abius Isas heres / f(aciendum)

Pelo aparecimento desta inscrição dentro ou nas proximidades da cela o apelidamos «templo de Esculápio». Pela inscrição concluímos também que havia um município em Miróbriga e fazia grandes festas, na Primavera, em honra do deus da Medicina.

Naturalmente, no programa dos festejos haveria corridas de carros e de cavalos no circo, bem como outras manifestações lúdicas que habitualmente se faziam nestes lugares.



FIG. 5.—Inscrição do Aureliano. (Fot. do A.)

A um e outro lado do templo, no adro que o rodeia, há um muro baixo, perpendicular ao eixo do edifício. Este muro, de que o do lado sul está quasi intacto, forma um degrau à frente. Supomos que a função dos muros seria a de servirem para a colocação de oferendas à divindade, nos dias das festas. Só podemos comparar esta disposição com a do templo de Izermore².

Ao mesmo nível do templo, um pouco para sul, há os alicerces e pouco mais, mas bem marcados, com piso de *opus caementitium*, de outro edifício também dedicado ao culto; é de planta rectangular, com uma abside no topo ocidental, uma nave central e duas laterais.

² A. Grénier, *M. Arch. G. Romaine*, III Ier, etd. Picard, Paris, 1958, p. 403.

Na abside vê-se a base de um altar; à frente do edifício há uma larga escadaria, até há anos revestida de mármore, e que vai terminar na via romana de acesso ao *forum*. Por ali perto apareceram fragmentos de uma estátua de mármore branco (parte da perna e do pé esquerdo), bem como uma ânfora e a roupagem sobre ela colocada. Não podia ter-se tratado senão de uma estátua de Venus.

Há duas inscrições dedicadas à deusa do amor, também por ali encontradas. Uma delas, datável do sec I foi feita em «marmore de S. Brissos» e mede 0,80 m de altura por 0,36 m de largura:

VENERI

C. IVLIVS - RVFI

NVS - MAG

Veneri / C(aius) Iulius Rufi(nus) Mag(ister)

É de registar a função administrativa do dedicante.

A outra inscrição talvez da mesma época e também em mármore, mede 0,87 m de altura por 0,49 m de largura:

VENERI - VICTRI

CI - AVG - SACR -

INHONOREM - LV

CILIAE - LEPIDINAE

FLAVIA - TITIA - FILIAE

PIENTISSIMAE

Veneri Victri / ci Aug(ustae sacr(um). In Honorem Lu / ciliae Lapidinae / Flavia Titia filiae / pientissimae.

Mais uma inscrição votiva foi recolhida em Miróbriga; esta é dedicada ao deus da guerra. Está lavrada em mármore do mesmo tipo da anterior e tem as mesmas dimensões. A letra é do sec. I. Segundo creio, há aqui uma pequena série de inscrições, a que pertencem estas duas últimas, que são cópias exactas das autênticas e talvez mandadas fazer por Cenáculo por as originais estarem em mau estado.

Esta inscrição seguinte tem interesse para a epigrafia de Norba Caesarina:

NORBANA - Mo
 DESTIFHMODES
 TA - SIBI - ET - SVIS
 FACIENDVM - CV
 RAVIT

Norbana Mo/desti fil(ia) Modes/ta sibi et suis / faciendum cu(ravit).

Damos esta leitura porque o H da sua linha deve ser considerado erro do lapicida, pois se fosse H(eres) não fazia sentido³.



FIG. 6.- *Inscrição do Adlectus Italicensis. (Fot. do A.)*

É curiosa a inscrição que encontramos no *forum*, encostada ao muro do patamar do templo; tinha o letreiro voltado para baixo. Gravada em letra do sec. II, dentro de uma moldura gravada em «marmore de S. Brissos». Mede 1,12 m de altura, 0,54 de largura e 0,41 m de espessura (fig. 6).

³ F. A., *op. cit.*, p. 54, núm. 14.

G. - AGRIO - RV
FO - SILONIS
ADLECTOITA
LICENSI -
MCASTRICI
VSLVCANIO - ET
CVALERIVS
PAEZONAMI
CO OPTIMO

G(aio) Agrio Ru / fo Silonis / Adlecto Ita / licenci / M(arcus) Castrici / us Lucanio et / G(aius) Valerius / Paezon ami / co optimo.



FIG. 7. *Uma das vias romanas. (Fot. do A.)*

É de notar não só o facto de um *adlectus* da *Respublica Italicensis* ter acabado os seus dias em Miróbriga mas também os dos seus piedosos amigos, Paezon, ter cognome grego e outro amigo, Silon, usar cognome de origem céltica.

A um e outro lado do *forum* há ruínas de edifícios que, certamente tiveram funções importantes. Em um deles, o de lado norte, tem um pequeno peristilo de que restam duas colunas de tijolos de quadrante, ainda com parte do reboco original; restos de um tanque e, no lado oposto ao da entrada, isto é, do outro lado do tanque, há um plinto certamente para colocação de uma estatua.

A grande praça, o *forum*, não tinha qualquer construção do lado nascente; por isso dali se avistam extensos e arborizados campos alentejanos que a vista alcança até às proximidades de Beja.

No vale estão as termas, em relativo bom estado de conservação até cerca de dois metros de altura e mesmo mais; foram revestidos de frescos, de que há amostras no museu de Santiago de Cacém. O piso é revestido por placas de mármore cinzento.

Há quatro piscinas bastante bem conservadas. Algumas *hypocausta* estão completos; outros arruinados, mostrando a sua estrutura. No *caldarium* e no *laconicum* vêm-se duplas paredes. Enfim, na parte exterior há uma latrina.

Em um edifício separado, bastante grande, há uma única e grande sala com suspensuras; em um outro ponto é visível a clássica disposição e cinzas.

A água para as termas devia ser previamente recolhida em um grande depósito que ainda existe, espécie de cisterna para onde eram conduzidas as águas pluviais. A poucas dezenas de metros das termas há uma pequena nascente que talvez tivesse sido aproveitada no tempo de Roma.

Os esgotos do balneário e respectiva latrina apareceram intactos depois de devidamente limpos, trabalho este que prolongamos por várias campanhas.

A água das chuvas e a piscinas vai para o vale onde estão as termas; formam periodicamente um riacho. Para o atravessar foi construída uma pequena ponte, romana, naturalmente, que continua a prestar bons serviços.

A poucos metros da ribeira, a seguir às termas, tivemos há anos ocasião de escavar uma pequena «villa», bastante modesta; por exigência do proprietário do terreno foi necessário recobri-la de novo com terra, depois de levantada a planta e recolhido o espólio (principalmente moedas do final do sec. III A.D.).

A terceira zona da área arqueológica de Miróbriga é constituída pelo circo (fig. 2-C). Na sua existência pensara um arqueólogo que



FIG 8.—Templo de Esculápio, depois de reconstituído em parte. çFot. do A.)

nos antecedeu nas escavações (Cruz e Silva). Depois de se ter conseguido a aquisição do terreno para a posse do Estado, graças em grande parte à compreensão de um benemérito, iniciamos a escavação do monumento.

Tem a planta clássica dos edifícios deste tipo; mede 360 m de comprimento por 74 m de largura. Dele pouco mais resta do que os alicerces das paredes circundantes e da *spina*; nesta está bem marcado o lugar do obelisco, bem como as pequenas passagens transversais, antes das metas. Os dos cárceres estão bem conservados. Um lado do topo sul foi ocupado por uma estrada pouco antes de iniciarmos as escavações.

As paredes, como de resto as das outras construções de Miróbriga são aqui também de alvenaria com argamassa esbranquiçada, datáveis do sec. III A.D.

Já nos referimos aos frescos que foram recolhidos nas interiores do balneario. Durante as nossas escavações também apareceram frescos em uma construção situada ao lado do templo de Venus e em duas casas das que têm sido escavadas na encosta do lado nascente da colina sagrada.

Naturalmente, as cerâmicas recolhidas têm sido abundantes, tanto comuns, como *sigillata* e alguma campaniense B.

Depois de sigillata itálica, apareceram formas sul-gálicas com influências hispánicas; estas influências vão até final do sec. III⁴.

Foram recolhidas várias marcas de oleiro: Primulus; Libertus, Mercator, Chrest, Anteros / P. Corn(eli) e outros.

Antheros foi a primeira vez que apareceu fora de Itália; as marcas Iupia e Rocor (?) encontradas também, serão hispánicas!

Em uma lucerna surgiu-nos: C. Lolius Pirit (hoos) ou Pinit: serie de um oleiro provavelmente grego.



FIG. 9.—Aspecto geral das Termas. (Fot. do A.)

A série de lucernas e fragmentos de lucernas tem também interesse, principalmente uma onde se lê em um grande medalhão levado pela deusa Victoria, que aparece de frente, coroada e alada, a seguinte inscrição:

EX S(enatus) C(onsulto). É no sec. I e corresponde à 11 de Dressel.

Há lucernas do sec. I e do sec. II até final.

Têm sido recolhidas várias moedas de bronze: duas ibéricas, de Evion, uma encontrada por nós no *forum*, outra em parte incerta

⁴ M.^a Adelaide Garcia Pereira, «Subsídio para o estudo da terra sigillata de Miróbriga», *Actas do II Cong. Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1971, pp. 433-443 e 1 est.

das ruínas; e de Myrtilis. Abundam as romanas de Imp. Salacia, Pax Iulia, Carmo, Claudio, Trajano, Julia Marmara, Otacilia, etc.

De uma maneira geral, o sec. III tem dado a maior contribuição para o monetário de Miróbriga.

Muito poucos vidros (fragmentos) têm aparecido. Em um deles que encontramos em uma cavidade, por baixo da base de um monumento, vêm-se duas letras garavadas: E S⁵.

* * *

Não pretendemos mais, como estas notas, do que recordar as passagens sempre benéficas de D. António Garcia y Bellido pelas ruínas de Miróbriga dos Célticos; por outro lado, o curto relato terá também alguma utilidade por chamar a atenção dos arqueólogos para esta estação cheia de interesse, única na Península pelo seu conjunto e relativo bom estado de consevação.

Lisboa, 1974

⁵ J. de Alarcão, «Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve», *Conimbriga*, VII, 1968, p. 31.

